Prefácio

"Também temos uma religião que nos foi dada pelos nossos antepassados, e nos foi legada a nós, seus filhos. Ensina-nos a sermos gratos, a sermos unidos, e a amarmo-nos uns aos outros! Nunca discutimos sobre religião."

Assim falou o grande orador Seneca, Casaca Vermelha, na sua soberba resposta ao Missionário Cram há mais de um século, e muitas vezes ouvi o mesmo pensamento expressado pelos meus compatriotas.

Tentei pintar a vida religiosa de um índio americano típico como era antes dele ter conhecido o homem branco. Desejei fazer isto durante muito tempo, porque entendo que nunca foi feito séria, adequada e sinceramente. A religião do índio é a última coisa que o homem de outra raça entenderá. Primeiro, o índio não fala destes assuntos profundos enquanto acreditar neles, e quando deixa de acreditar neles fala sem rigor e de um modo redutor. Segundo, mesmo que seja levado a falar, o preconceito racial e religioso do outro interferirá com a sua capacidade de entendimento por empatia. Terceiro, praticamente todos os estudos existentes foram feitos no período de transição, quando as crenças originais e a filosofia dos

americanos nativos já estavam em rápida desintegração.

Encontram-se aqui e ali relatos superficiais de estranhos hábitos e cerimónias, cujo simbolismo ou significado real eram ocultos ao observador; e foram feitas recolhas de uma grande quantidade de material que não tem valor porque é moderno e híbrido, misturado com lendas bíblicas e filosofia caucasiana. Parte foi mesmo inventada para fins comerciais. Oferece um presente a um índio numa reserva, e ele possivelmente providenciará canções sagradas, um mito e folclore!

O meu pequeno livro não pretende ser um tratado científico. É tão verdadeiro quanto o que consigo remontar aos ensinamentos da minha infância e ideais ancestrais, mas de um ponto de vista humano, não etnológico. Não me dei ao trabalho de empilhar mais ossos secos, mas sim de lhes dar carne e sangue. Tudo quanto foi escrito por estranhos sobre a nossa fé e culto trata-o maioritariamente como uma curiosidade. Eu gostaria de enfatizar a sua qualidade universal, o seu apelo pessoal!

Os primeiros missionários, bons homens imbuídos da tacanhez do seu tempo, chamaram-nos pagãos e adoradores do demónio, e exigiram-nos que renunciássemos aos nossos deuses falsos antes de nos ajoelharmos no seu altar sagrado. Até nos disseram que estaríamos eternamente perdidos, a não ser que adoptássemos um símbolo tangível e professássemos uma forma em particular da sua fé com cabeça de Hidra. Nós, os do século XX, sabemos mais! Nós sabemos que toda a aspiração religiosa, toda a adoração sincera, só pode ter uma origem e um objectivo. Nós sabemos que o Deus dos letrados e dos iletrados, dos gregos e dos bárbaros, é afinal o mesmo Deus; e, como Pedro, entendo que Ele não é um respeitador das pessoas, mas em todas as nações aquele que O tema e que seja virtuoso será aceitável para Ele.

Capítulo 1

O Grande Mistério

Culto Solitário. O Filósofo Selvagem. A Mente dualista. Presentes Espirituais vs. Progresso Material. O Paradoxo da "Civilização Cristã".

A atitude original do índio americano, perante o Eterno, o Grande Mistério que nos cerca e nos envolve, era tão simples quanto exaltada. Para ele, era a suprema concepção trazendo consigo o maior de prazer e satisfação possível à sua vida.

O culto do Grande Mistério era silencioso, solitário, livre de qualquer auto-procura. Era silencioso, porque todo o discurso é por necessidade fraco e imperfeito; assim, as almas dos meus antepassados ascenderam a Deus em adoração sem palavras. Foi solitário porque eles acreditavam que Ele está mais próximo de nós na solidão, e não era permitido que um padre se metesse entre algum homem e o seu Criador. Ninguém pode exortar ou confessar ou de algum modo imiscuir-se da experiência religiosa do outro. Entre nós, todos os homens foram criados filhos de Deus e mantiveram-se erguidos, conscientes da sua divindade. A nossa fé não se pode formular em credos, nem forçada sobre quem não esteja disposto a recebê-la; e por isso não existiam sermões, proselitismo, nem perseguição, bem como não existiam trocistas nem ateus.

Não existiam entre nós templos ou santuários que não os da natureza. Sendo um homem natural, o

índio é intensamente poético. Ele acharia sacrílego construir uma casa para Ele, que pode ser visto cara a cara no misterioso, nas áreas ensombradas da floresta primeva, ou no regaço iluminado pelo Sol das pradarias virgens, sobre pináculos vertiginosos e cúspides de rocha nua, e mais além, na abóbada estrelada do céu nocturno! Ele que se envolve em vaporosos véus de nuvem, ali no aro do mundo visível onde o nosso Bisavô Sol acende a fogueira do seu campo de final de tarde, Ele que cavalga no rigoroso vento do norte, ou exala o Seu espírito sobre os aromáticos ventos do Sul, cuja canoa de guerra é lançada a rios majestosos e mares internos - Ele não necessita de uma catedral menor!

Essa comunhão solitária com o Invisível que era a expressão mais elevada da nossa vida religiosa é parcialmente descrita com a palavra *bambeday*, literalmente “sensação misteriosa”, que foi traduzido alternadamente como “jejuando” ou “sonhando”. Será melhor interpretado como “consciência do divino”.

O primeiro *bambeday*, ou retiro religioso, marca uma época na vida do jovem que pode ser comparada ao crisma ou conversão na experiência cristã.

Tendo-se previamente preparado através de um purificador banho de vapor, e tendo-se afastado o mais possível de todas as influências humanas e carnais, o jovem busca o monte mais nobre, o pico mais exigente de toda a região. Sabendo que Deus não deposita valor nas coisas materiais, não leva consigo oferendas ou sacrifícios mas apenas objectos simbólicos, como tintas e tabaco. Desejando aparecer perante Ele com toda a humildade, não usa mais roupa que os seus *mocassins* e calções. Na hora solene da alvorada ou do pôr-do-Sol, assume a sua posição, com vista para as glórias da terra e, encarando o Grande Mistério, ali permanece, nu, erguido, em silêncio e sem se mexer, exposto aos elementos e forças do Seu armamento, durante uma noite ou dois dias e duas noites, mas raramente mais. Por vezes entoa um cântico sem palavras, ou oferece o cerimonial "Cachimbo Cheio". Neste transe sagrado ou êxtase, o místico índio encontrou a sua maior alegria e a força motriz da sua existência.

Quando regressa ao campo, tem de permanecer à distância até ter novamente entrado no banho de vapor e ter-se preparado para se relacionar com os seus conhecidos. Da visão ou sinal que lhe foi concedido

não fala a não ser que inclua alguma iniciativa que deva ser realizada publicamente. Por vezes um homem velho, estando no limiar da eternidade, pode revelar a alguns escolhidos o oráculo da sua juventude passada.

O nativo americano tem sido geralmente desprezado pelos seus conquistadores brancos pela sua pobreza e simplicidade. Esquecem-se, talvez, que a sua religião lhes proibiu a acumulação de riqueza e saborear a luxúria. Para ele, bem como para todos os homens honestos de cada idade e raça, de Diógenes aos irmãos de S. Francisco, dos Montanista aos Shakers, o amor pelas posses tem surgido como uma armadilha, e os fardos de uma sociedade complexa como uma fonte de perigos e tentações desnecessárias. Mais além, fazia a regra da sua vida partilhar os frutos da sua perícia e sucesso com os seus irmãos menos afortunados. Assim manteve o seu espírito livre da obstrução do orgulho, da cupidez, ou inveja, e pôs em prática, como acreditava, o decreto divino - um assunto profundamente importante para si.

Não foi puramente por ignorância ou falta de cuidado que ele não conseguiu estabelecer cidades permanentes e desenvolver uma civilização material. Para

o sábio sem mestre, a concentração da população era a prolífica mãe de todos os males, tanto moral como fisicamente. Ele argumentou que a comida era boa, enquanto o excesso mata; que o amor é bom mas que a luxúria destrói; e não menos temida que a pestilência que segue habitações sobrelotadas e sujas, era a perda do poder espiritual indissociável de excesso de contacto próximo com outros companheiros. Todos os que viveram muito ao ar livre sabem que existe uma força magnética e nervosa que se acumula na solidão e que se dissipa rapidamente perante a vida numa multidão; e até os seus inimigos reconhecem o facto que graças a certo poder inato e à sua maneira de estar, completamente independente das circunstâncias, o índio americano não tem igual entre os homens.

O homem vermelho dividiu a mente em duas partes, a mente espiritual e a mente física. A primeira é espírito puro, preocupado apenas com a essência das coisas, e isto é o que ele espera fortalecer através de orações espirituais, durante as quais o corpo é submetido a jejum e a dificuldades.

Neste tipo de oração não se suplica por favores ou ajuda. Todos os assuntos pessoais ou preocupações

egoístas, como o sucesso na caça ou na guerra, alívio de uma doença, salvar a vida a um ente querido, eram definitivamente relegadas para o plano inferior ou material da mente, e todas as cerimónias, amuletos, ou cânticos desenhados para assegurar o benefício ou prevenir o perigo eram reconhecidos como emanando do ser físico.

Os ritos desta celebração física eram novamente simbólicos, e o índio não adorava mais o Sol do que o cristão adora a Cruz. O Sol e a Terra, por óbvia parábola, com um pouco mais de metáfora poética do que verdade científica, eram na sua concepção os pais de toda a vida orgânica. Do Sol, o pai universal, procede o princípio vivificante na natureza, e no paciente e frutífero ventre da nossa mãe, a Terra, estão escondidos embriões de plantas e homens. Daí, a nossa reverência e amor por eles foi realmente uma extensão imaginativa do amor pelos nossos pais, e a este sentimento de devoção filial juntou-se uma vontade de lhes agradar, como a um pai, pelos bons presentes. Esta é a oração material ou física.

Os elementos e forças majestosas na natureza, o Relâmpago, o Vento, a Água, o Fogo e o Gelo, eram

encarados com espanto como poderes espirituais, mas sempre com um carácter secundário e intermediário. Acreditávamos que o espírito se encontra em toda a criação e que todas as criaturas possuem uma alma de algum tipo, embora não necessariamente uma alma consciente de si. A árvore, a cascata, o urso pardo, cada um Força encarnada, e como tal, objecto de reverência.

O índio adorava fomentar laços e comunhão espiritual com os seus irmãos do reino animal, cujas almas inarticuladas tinham para ele algo da pureza imaculada que atribuímos aos inocentes e às crianças irresponsáveis. Ele tinha fé nos seus instintos, como numa misteriosa sabedoria dada das alturas; e enquanto aceitava o suposto sacrifício voluntário dos seus corpos para preservar o seu próprio, prestava homenagem aos seus espíritos em orações e oferendas prescritas.

Em todas as religiões existe um elemento de sobrenatural, variando com a influência da razão pura sob os seus devotos. O índio era um pensador lógico e claro relativamente a assuntos dentro do âmbito do seu entendimento, mas não tinha ainda mapeado o

vasto campo da natureza ou expresso as suas maravilhas em termos científicos. Com o seu limitado conhecimento de causa e efeito, ela via milagres a todos os instantes, - o milagre da vida na semente e no ovo, o milagre da morte num relâmpago ou numa queda nas profundezas! Nada do maravilhoso o podia surpreender; mesmo que um animal falasse, ou o Sol parasse. O nascimento virgem pareceria um pouco menos milagroso que o nascimento de cada criança que vem ao mundo, ou o milagre dos pães e dos peixes causar mais assombro que a colheita que advém de uma simples maçaroca.

Quem pode condenar esta superstição? Certamente não o devoto católico, ou mesmo o missionário protestante, que ensina milagres bíblicos como factos literais! O homem lógico tem então de negar todos os milagres ou nenhum, e os nossos mitos ameríndios e histórias de heróis são talvez, em si, tão credíveis quanto os dos hebreus de antigamente. Se somos do tipo de espírito moderno, que vê na lei natural uma majestade e grandeza bem mais impressionante do que qualquer infracção solitária poderá alguma vez ser, não nos esqueçamos que, apesar de tudo, a ciência não explicou tudo. Ainda temos de encarar o

derradeiro milagre, - a origem e princípio da vida! Aqui reside o supremo mistério que é a essência do culto, sem o qual não pode existir religião, e que na presença deste mistério a nossa atitude não pode ser muito diferente da do filósofo natural, que contempla com espanto o Divino em toda a criação.

É uma verdade simples que, enquanto a sua filosofia nativa manteve o controlo da sua mente, o índio não invejou nem desejou imitar os esplêndidos feitos do homem branco. Na sua maneira de pensar ele era-lhes superior! Ele desprezou-os, como um espírito grandioso absorvido na sua tarefa austera rejeitou as camas confortáveis, a comida luxuosa, o namorico adorador-de-prazer de um vizinho rico. Era claro para ele que a virtude e a felicidade eram independentes destas coisas, se não incompatíveis com elas.

Havia certamente muito no cristianismo primitivo que apelava a este homem, e os ditos severos de Jesus sobre os ricos teriam sido perfeitamente compreensíveis para ele. No entanto a religião pregada nas igrejas e praticada nas nossas congregações, com o seu elemento de exibição e auto-engrandecimento, o seu proselitismo activo, o seu desprezo explícito por

todas as religiões que não a sua, foi durante muito tempo extremamente repelente. Para a sua mente simples, o profissionalismo do púlpito, o exortador pago, a igreja endinheirada, eram coisas não espirituais e não edificantes, e foi só quando o seu espírito se quebrou e a sua constituição moral e física foi minada pelo comércio, conquista, e bebidas fortes, que os missionários cristãos obtiveram alguma vantagem sobre ele. Poderá parecer estranho, mas é verdade que o orgulhoso pagão na sua alma secreta despreza os bons homens que o vieram converter e iluminar!

Nem foram a sua publicidade e farisaísmo os únicos elementos na religião estrangeira que ofenderam o homem vermelho. Para ele, parecia chocante e quase incrível que houvesse entre este povo quem afirmasse superioridade, muitos sem religião que nem sequer fingiam professar a religião nacional. Não só não a professavam, desceram ao nível de insultar o seu Deus com discursos profanos e sacrilégios! Na nossa língua o Seu nome não é dito em voz alta, nem mesmo com a maior reverência, muito menos com ligeireza ou irreverência. Mais do que isto, mesmo entre aqueles homens brancos que professavam religião encontrámos muitas inconsistências com a conduta. Fala-

vam muito de questões espirituais, enquanto procuravam obter apenas o material. Compravam e vendiam tudo: tempo, trabalho, independência pessoal, o amor das mulheres e até a administração da sua santa fé! A luxúria por dinheiro, poder e conquista tão características da raça anglo-saxónica não se livraram da condenação moral às mãos de um juiz não ensinado, nem este falhou em distinguir este trato conspícuo entre a raça dominante e o espírito do humilde e baixo Jesus.

Ele podia com o tempo vir a reconhecer que os bêbados e os licenciosos entre os homens brancos, com quem contactava frequentemente, também eram condenados pela religião do homem branco, e não devem ser tidos em conta para desacreditá-la. Mas não era tão fácil ignorar ou perdoar uma má fé nacional. Quando distintos emissários do Pai em Washington, alguns deles ministros do Evangelho e até bispos, vieram até às nações índias, e lhes prometeram a honra nacional, através de um solene tratado, com orações e menções ao seu Deus; e quando esses tratados realizados, foram prontamente e sem vergonha quebrados, terá sido estranho tal acção despertar não apenas a raiva mas também o desprezo? Os historiadores da

raça branca admitem que o índio não foi o primeiro a repudiar o seu próprio juramento.

É a minha crença pessoal, após 35 anos de experiência, que não existe tal coisa como uma "Civilização Cristã." Acredito que o cristianismo e a civilização moderna são opostos e irreconciliáveis, e que o espírito do cristianismo e da nossa antiga religião são essencialmente o mesmo.

Capítulo 2

O Altar Familiar

Influência Pré-natal. Ensinamentos Religiosos Precoces. A Função dos Envelhecidos. Mulheres, Casamento e a Família. Lealdade, Hospitalidade, Amizade.

O índio americano era um individualista na religião e na guerra. Ele não possuía um exército nacional ou uma igreja organizada. Não havia um padre para assumir a responsabilidade da alma de outros. Isto é, acreditávamos no dever supremo do progenitor, a quem apenas é permitido reclamar até certo ponto o dever sacerdotal, dado que é o seu poder criativo e protector que sozinho aborda a solene função de Divindade.

O índio era um homem religioso desde o ventre da sua mãe. Desde o momento em que ela reconhecia o facto da concepção até ao final do segundo ano de vida, que era o período normal de aleitamento, era suposto por nós que a influência espiritual da mãe era a maior. A sua atitude e meditações secretas devem ser de tal ordem que instilem na alma receptiva da criança não nascida o amor pelo Grande Mistério e um sentimento de fraternidade para com toda a criação. Silêncio e isolamento são a regra de vida para a mãe expectante. Ela vagueia devota na quietude dos grandes bosques, ou no ventre da pradaria não trilhada, e para a sua mente poética o nascimento eminente do seu filho prefigura o advento do homem-mestre - um herói, ou a mãe de heróis - um pensamento concebido

no regaço virgem da natureza primitiva, e sonhado num relâmpago que apenas desaparece perante o suspiro de um pinheiro ou a orquestra entusiasmante de um cascata distante.

E quando o dia dos dias da sua vida amanhece - o dia em que haverá nova vida, o milagre cuja realização lhe foi confiada - ela não procura ajuda. Foi treinada e preparada física e mentalmente para o seu dever mais sagrado desde que se recorda. A provação enfrenta-se melhor sozinha, sem olhos curiosos ou apiedados que a envergonhem; quando toda a natureza lhe diz no espírito: "É amor! É amor! A realização da vida!" Quando a voz sagrada vem até ela do silêncio, e um par de olhos se abre por ela na floresta, ela sabe com alegria que cumpriu bem a sua parte na canção da criação!

Regressa agora ao acampamento carregando a misteriosa, a sagrada, a mais cara trouxa! Ela sente o seu enternecedor calor e ouve a sua respiração leve. Ainda é parte de si, uma vez que ambos se alimentam da mesma porção, e o olhar de amante algum poderia ser mais doce do que a sua contemplação profunda e confiante. Ela continua o seu ensinamento espiritual,

primeiro silenciosamente - um simples apontar com o indicador para a natureza; depois sussurrado em canções, como um pássaro, de manhã e à tarde. Para ela e para a criança, os pássaros são pessoas reais que vivem mais perto do Grande Mistério; as árvores murmurantes respiram a Sua presença; as águas que caem cantam o Seu louvor. Se a criança for irrequieta, a mãe ergue a mão. "Chiu! Chiu!", admoesta-o gentilmente, "os espíritos podem ficar perturbados!" Pede-lhe que pare e escute a voz prateada do álamo tremedor, ou os címbalos entre-chocados do salgueiro; à noite ela aponta para o celestial trilho resplandecente, através da galáxia de esplendor da natureza, até o Deus da natureza. Silêncio, amor, reverência, - esta era a trindade das primeiras lições; mais tarde, a estas adicionaria generosidade, coragem e castidade.

Nos tempos antigos, as nossas mães eram muito fiéis à confiança depositada nelas; e como um notado chefe do nosso povo costuma dizer: "Os homens matam-se uns aos outros, mas nunca conseguem superar a mulher, pois na quietude dos seus colos descansa uma criança. Podemos destruí-lo vezes sem conta, mas ele surge novamente do mesmo gentil colo - um presente do Grande Bem para a raça no qual

participamos como cúmplices!" A mãe da floresta não tem só as experiências da sua mãe e da sua avó e os costumes aceites pelo seu povo como guias, mas ela humildemente procura aprender uma lição com as formigas, abelhas, aranhas, castores e texugos. Ela estuda a vida familiar dos pássaros, tão delicada na sua intensidade e devoção paciente, até pensar sentir o coração maternal universal bater no seu próprio peito. A devida altura, a criança toma de livre vontade a atitude da oração, e fala reverentemente dos Poderes. Julga ser irmã de sangue de todas as criaturas vivas, e o vento da tempestade é para ela o mensageiro do Grande Mistério.

Por volta dos oito anos de idade, se for um rapaz, ela entrega-o a seu pai para um treino mais espartano. Se for uma rapariga, ela ficará nesta altura sob a guarda da avó, que é considerada a protectora mais digna das donzelas. De facto, o trabalho específico de cada avô é o de familiarizar o jovem com as crenças e tradições nacionais. É-lhes reservado repetir os contos santificados pelo tempo com dignidade e autoridade, de modo a conduzi-lo à sua herança na sabedoria e experiência acumulada pela raça. Os idosos dedicam-se ao serviço dos jovens, como seus

professores e conselheiros, e os jovens olham-nos de volta com amor e reverência.

A nossa velhice era, em alguns aspectos, o período mais feliz da nossa vida. Os anos sucessivos trouxeram com eles muita liberdade, não apenas do fardo das tarefas laboriosas e perigosas, mas pelas restrições de costumes e etiqueta que eram religiosamante observados por todos. Ninguém que esteja familiarizado com o índio no seu lar pode negar que somos um povo bem educado. Regra geral, o guerreiro que inspirava o maior terror nos corações dos seus inimigos era um homem detentor da mais exemplar gentileza e refinamento quase feminino entre os seus familiares e amigos. Uma voz suave, grave, era considerada uma coisa excelente num homem, bem como numa mulher! Na verdade, a intimidade forçada da vida numa tenda em breve seria insuportável, não fossem essas reservas e sensibilidades instintivas, este respeito pelo local estabelecido e pelas posses de qualquer outro membro do círculo familiar, esta calma habitual, ordem e decoro.

O nosso povo capaz de um sentimento forte e duradouro não demonstrava o seu afecto em qualquer

altura, muito menos na presença de convidados ou estrangeiros. Apenas aos idosos, que viajaram muito, e estão de certo modo isentos de regras comuns, são permitidas algumas familiaridades joviais com os filhos e netos, alguma conversa, talvez até alguma dureza ou censura, da qual os outros se devem rigidamente abster. Em suma, os homens e mulheres idosos têm o privilégio de dizer o que quiserem como quiserem, sem os contrariarem, enquanto as durezas e enfermidades do corpo por necessidade se abatem sobre os seus, enquanto for possível por consideração e atenção universais.

Não existia nenhuma cerimónia religiosa ligada ao matrimónio entre nós enquanto, por outro lado, a ligação entre homem e mulher era em si misteriosa e sagrada. Parece que onde o casamento é solenizado pela igreja e abençoado pelo padre, pode ao mesmo tempo estar rodeado de costumes e ideias de carácter frívolo, superficial, e até mesmo lascivo. Nós acreditávamos que os dois que se amassem se deveriam unir em segredo, antes do anúncio público da sua relação, e deveriam provar a apoteose a sós na natureza. O noivado podia ou não ser discutido ou aprovado pelos pais, mas de qualquer modo era costume o jovem casal

desaparecer para a floresta e lá passarem alguns dias ou semanas em perfeito isolamento e solidão a dois, após o que regressariam para a aldeia como homem e mulher. Uma troca de presentes e festa entre as duas famílias seguir-se-ia normalmente, mas a benção nupcial era dada pelo Sumo Pontífice de Deus, a reverenda e sagrada Natureza.

A família não era apenas a unidade social, mas também a unidade do governo. O clã não é mais do que uma família maior, com os seus chefes patriarcais naturalmente à sua frente, e a união de diferentes clãs por casamentos e ligações voluntárias constitui a tribo. O nome da nossa tribo, Dakota, significa Povos Aliados. Os mais remotos traços de parentesco eram completamente reconhecidos, e não apenas como forma: os primos direitos eram conhecidos como irmãos e irmãs; o nome para "primo" constituía uma alegação vinculativa, e a nossa moral rígida proibia o casamento entre primos de qualquer grau, ou de outro modo, dentro do clã.

O lar era constituído por um homem com uma ou mais mulheres e seus filhos, todos coabitando amigavelmente, juntos sob um tecto, embora alguns homens

de condição social elevada providenciassem alojamentos separados para cada esposa. Existiam de facto menos casamentos plurais, excepto entre os mais idosos e destacados, e as esposas múltiplas eram normalmente, embora nem sempre, irmãs. Um casamento podia ser dissolvido honradamente por um motivo, mas verificava-se muito pouca infidelidade ou imoralidade, quer frontal quer oculta.

Foi dito que a posição da mulher é um teste da civilização, e a das nossas mulheres estava assegurada. Nelas estavam garantidos por lei os nosso valores morais e a pureza do nosso sangue. A esposa não tomava o nome do marido nem entrava no seu clã, e as crianças pertenciam ao clã da sua mãe. Toda a propriedade familiar era detida por ela, a descendência era traçada pela linha materna, e a honra do lar estava nas suas mãos. A modéstia era o seu maior adorno; por isso as jovens eram usualmente recatadas e silenciosas: mas uma mulher que tenha atingido a idade madura e sabedoria, ou que tenha demonstrado coragem notável em alguma emergência, era por vezes convidada para se sentar no conselho.

Assim ela governava indisputada no seu domínio pessoal, e era para nós uma torre de força moral e espiritual, até à chegada do homem branco da fronteira, o soldado e o mercador, que com bebidas fortes derrubaram a honra do homem, e através do seu poder sobre um marido sem valor, compraram a virtude da sua esposa ou filha. Quando ela tombou, toda a raça tombou com ela. Antes desta calamidade se abater sobre nós, não se conseguia encontrar um lar mais feliz do que um criado por uma mulher índia. Não existia nada de artificial acerca de si, e muito pouca desonestidade no seu carácter. O seu treino precoce e consistente, a certeza da sua vocação e, acima de tudo, a sua atitude profundamente religiosa deram-lhe a força e o equilíbrio que não podiam ser superados por uma qualquer desgraça.

Os nomes índios eram alcunhas características dadas com um espírito jovial, nomes de feitos, nomes de nascimento, ou algo com um significado religioso ou simbólico. Foi dito que quando a criança nasce, algum acidente ou aparência pouco comum determinam o seu nome. Isto é assim algumas vezes mas não é a regra. Um homem de carácter impetuoso, com um belo registo de guerra, usualmente exibe o nome

do búfalo ou do urso, do trovão ou de uma qualquer força natural temida. Outro de natureza mais pacífica pode ser chamado de Pássaro Ligeiro ou Céu Azul. O nome de uma mulher normalmente sugeria qualquer coisa sobre o lar, normalmente com o adjectivo "bonito" ou "bom", e uma terminação feminina. Nomes de qualquer dignidade ou importância devem ser dados por homens idosos, e especialmente se tiverem alguma significação espiritual; como Nuvem Sagrada, Noite Misteriosa, Mulher Espírito e similares. Alguns desses nomes eram usados durante três gerações, mas cada indivíduo tinha que demonstrar que o merecia.

Na vida do índio só existia um dever inevitável, - o dever da oração - o reconhecimento do Invisível e do Eterno. As suas devoções diárias eram mais necessárias para si do que alimento. Ele acorda na alvorada, calça os *mocassins* e desce até à beira da água. Aqui ergue mãos cheias de água fria e cristalina até à cara, ou mergulha. Após o banho, permanece erguido perante o avanço da madrugada, encarando o Sol à medida que dança no horizonte, e oferece as suas orações mudas. O seu companheiro pode precedê-lo ou segui-lo nas suas devoções, mas nunca acompanhá-lo. Cada alma deve saudar o Sol da manhã, a nova, doce

terra e o Grande Silêncio a sós!

Quando, por virtude de uma caçada diária, o caçador vermelho se depara com uma cena de rara beleza ou sublime - uma nuvem de trovoada negra com o arco-íris brilhante sob a montanha; uma cascata branca numa escarpa verde; uma vasta pradaria tingida pelo vermelho sangue do pôr-do-Sol - ele pausa por um instante numa atitude de adoração. Não vê a necessidade de destacar um dia em cada sete como sagrado, uma vez que para si todos eles são dias de Deus. Cada acto na vida é, de um modo muito real, um acto religioso. Ele reconhece o espírito em toda a sua criação, e acredita que obtém dele poder espiritual. O seu respeito pela parte imortal do animal, o seu irmão, muitas vezes leva-o a exibir o corpo da sua caça e a decorar a sua cabeça com tinta ou penas simbólicas. Depois coloca-se perante ele na atitude de rezar, segurando o cachimbo cheio, como lembrança de que ele libertou com honra o espírito do seu irmão, cujo corpo a sua necessidade o forçou a tomar de modo a suster a sua própria vida. Quando o alimento é ingerido, a mulher murmura uma "oração de agradecimento" enquanto baixa a panela; um acto tão suave e realizado de um modo tão inobtrusivo que

quem não conheça o costume normalmente não se apercebe do sussurro: "Espírito, partilha!" Quando o seu marido recebe a taça ou prato, também ele murmura a sua invocação ao espírito. Quando se torna idoso, adora fazer um esforço notável para demonstrar a sua gratidão. Corta a melhor porção da carne e atira-a ao fogo - o mais puro e etéreo elemento.

A hospitalidade do *wigwam* é apenas limitada pela instituição da guerra. No entanto, se um inimigo nos honrar com uma visita, a sua confiança não será defraudada e partirá convencido de que se reuniu com um anfitrião real! A nossa honra será a sua garantia de segurança enquanto se mantiver no nosso acampamento.

A amizade é considerada o mais severo teste de carácter. É fácil, pensamos, ser leal à família e ao clã cujo sangue corre nas nossas veias. O amor entre um homem e uma mulher é assente no instinto de acasalamento e não é livre do desejo e da auto-procura. Mas ter um amigo, e ser-lhe verdadeiro sob todo e qualquer desafio, isso é a marca de um homem! O tipo mais elevado de amizade é a relação de "irmão-amigo" ou "amigo de vida e de morte". Este laço entre

homens é normalmente criado em tenra idade e só pode ser quebrado pela morte. É a essência da camaradagem e amor fraterno, sem pensamentos de prazer ou ganho, mas antes apoio moral e inspiração. Cada um jurou morrer pelo outro se necessário, e nada se nega a um "irmão-amigo", mas nada é solicitado que não esteja de acordo com as elevadas concepções da mente índia.

Capítulo 3

Culto Cerimonial e Simbólico

Perversões Modernas de Ritos Religiosos Antigos. A Dança do Sol. O Grande Pavilhão da Medicina. Totens e amuletos. O Banho de Vapor e o Cachimbo Cerimonial.

Os ritos religiosos públicos dos Índios da Planície são poucos, e na sua maioria de origem moderna, pertencendo adequadamente ao chamado "Período de Transição". Esse período terá começado com o primeiro efeito insidioso sobre os seus hábitos e costumes em contacto com a raça dominante, e muitas tribos foram influenciadas muito antes de abandonarem a sua vida de nómadas. Os comerciantes de peles, os padres "Mantos Negros", os militares, e finalmente os missionários protestantes foram os homens que começaram a desintegração das nações índias e o derrubamento da sua religião, de setenta e cinco a cem anos antes de eles terem sido forçados a entrar na vida em reservas. Não temos nenhum estudo autêntico até uma fase avançada do "Período de Transição", quando o whisky e o comércio já tinham debochado os seus ideais nativos.

Durante a altura da reconstrução modificaram os seus costumes e crenças continuadamente, criando uma singular mistura de superstições pagãs e cristãs, e uma adição ao antigo folclore, de histórias bíblicas disfarçadas. Até a sua música exibe a influência dos cânticos católicos. A maioria do material recolhido por observadores modernos necessariamente de

carácter promíscuo.

É de notar que o primeiro efeito do contacto com os brancos tenha sido um aumento na crueldade e barbaridade, um intensificar das sombras na imagem! Deste modo "A Dança do Sol" dos Índios das Planícies, a mais importante das suas cerimónias públicas, foi abusada e pervertida até se tornar um exibição horrível de barbarismo, e eventualmente proibida pelo Governo. Antigamente, quando um guerreiro sioux se encontrava nas mandíbulas da destruição, poderia oferecer uma oração ao seu pai, o Sol, para prolongar a sua vida. Se salvo de um perigo eminente, ele devia reconhecer o favor divino, realizando uma "Dança do Sol", de acordo com o voto expresso na sua oração, na qual declarou não temer a tortura nem a morte, mas solicitou vida somente por causa dos que o amavam. Assim, o suplício físico era um cumprimento do voto, e uma espécie de expiação do que de outro modo poderia ter sido interpretado como uma fraqueza repreensível perante a morte. Era sob a forma de uma confissão e agradecimento ao Grande Mistério, através do pai físico, o Sol, e não contemplava uma oração para favores futuros.

As cerimónias tomavam lugar seis meses a um ano depois de se fazer o voto, de modo a poder realizar-se uma preparação adequada; sempre no Solstício de Verão e perante uma grande assembleia. Naturalmente incluíam a realização de um festim e a doação de muita riqueza selvagem em honra da ocasião, embora estes não fossem uma parte essencial do rito religioso. Quando era chegado o dia de obter o poste, este era carregado por um grupo de guerreiros liderados por alguns homens distintos. A árvore seleccionada tinha 15 a 20cm na base e seis a oito metros de altura. Era escolhida e abatida com alguma solenidade, incluindo a cerimónia do "Cachimbo Cheio", e transportada numa espécie de liteira, simbolizando o corpo do homem que fez a dança. Um *tipi* solitário erguia-se a alguma distância da aldeia, e o poste erguido na proximidade com a mesma cerimónia, no centro de um encaixe de ramos recém-cortados.

Entretanto, um dos nossos mais dotados idosos gravara em couro, ou mais recentemente, em madeira, duas figuras; normalmente um homem e um búfalo. Por vezes substituíam a imagem da ave, que é suposto representar o Trovão, pela do búfalo. Era habitual pintar o homem de vermelho e o animal de preto, e

cada um era suspenso de uma ponta da barra transversal que estava firmemente amarrada a uns 60cm do cimo do poste. Nunca fui capaz de determinar se esta cruz tinha algum significado; provavelmente não era nada mais que uma coincidência dramática que encabeçava o poste da Dança do Sol com um símbolo do cristianismo. A tinta indicava que o homem prestes a agradecer publicamente esteve potencialmente morto, mas foi-lhe permitido viver graças ao favor misterioso e à interferência do Dador de Vida. O búfalo pendia do lado oposto à imagem do seu próprio corpo na morte, porque era o suporte do seu ser físico, e uma figura de destaque na tradição das lendas. Seguindo a mesma linha de raciocínio, quando emergia do solitário albergue de preparação, e se aproximava do poste para dançar nu, salvo a tanga e os *mocassins*, o seu cabelo solto e manchado de barro, ele devia arrastar consigo um crânio de búfalo, representando a sepultura da qual escapou.

O dançarino era cortado ou escarificado no peito, o suficiente para causar sangramento e dor, os acompanhamentos naturais da sua morte figurativa. Ele tomava a sua posição oposta aos cantores, encarando o poste e arrastando o crânio através de presilhas de ca-

bedal apertadas nos seus ombros. Num período mais recente eram feitas incisões no peito ou nas costas, por vezes em ambos, através das quais eram passados espetos de madeira, e fixado por um laço ao poste ou aos crânios. E assim ele dançava sem interrupção durante um dia e uma noite, ou mais, sempre a contemplar o Sol durante o dia, e soprando de quando em vez no apito sagrado feito do osso de uma asa de ganso. Nos tempos mais recentes, este rito foi exagerado e distorcido num mera exibição medonha de força física e resistência sob tortura, quase ao nível da instituição caucasiana da tourada, ou o ainda o mais moderno ringue de boxe. Mais ainda, em vez da expiação ou do agradecimento, tornou-se o acompanhamento de uma oração para o sucesso na guerra, ou a um assalto aos cavalos do inimigo. O número de dançarinos foi aumentado, e têm de estar suspensos pela sua própria carne no poste, a qual devem rasgar antes de serem libertados. Eu recordo-me bem dos comentários feitos no nosso lar quando se passou esta simples mas impressionante cerimónia, e a perda total do seu significado e decência sob as desmoralizantes adições que foram alguns dos frutos dos contactos precoces com o homem branco.

Talvez a mais notável organização alguma vez conhecida entre os índios americanos, a do "Grande Pavilhão da Medicina", tenha sido aparentemente um resultado indirecto do trabalho dos primeiros missionários jesuítas. Nele são reconhecíveis facilmente as ideias caucasianas, e parece razoável supor que os seus fundadores desejaram estabelecer uma ordem que conseguisse resistir às invasões de "Mantos Negros". Seja como for, é um facto inquestionável que os únicos lideres dignos de nota surgidos entre as tribos nativas desde o advento do homem branco, o "Profeta Shawnee" em 1762 e o profeta mestiço da "Dança Fantasma" em 1890, fundamentaram as suas alegações ou profecias na história do Evangelho. Assim cada episódio de revivalismo ou entusiasmo religioso índio, apesar de mais ou menos ameaçador para o invasor, era distintamente de origem desconhecida.

O Pavilhão da Medicina surgiu entre a tribo Algonquin, e estendeu-se gradualmente através das suas ramificações, afectando finalmente os Sioux do Vale do Mississipi, e formando um reduto contra o trabalho dos missionários pioneiros, que não asseguraram, efectivamente, quase nenhuns convertidos até ao surto de 1862, quando a sujeição, fome e prisão leva-

ram o nosso povo de coração destroçado a aceitar o cristianismo, que lhes pareceu oferecer o único cintilar de alegria e esperança. A ordem era secreta, e em alguns aspectos similar aos Pedreiros Livres, sendo um sindicato ou afiliação de diversos pavilhões, cada um com as suas canções e remédios próprios. A liderança era por ordem de senioridade em graus, que podiam ser somente obtidos por mérito, e as mulheres eram aceites como membro em igualdade de termos. Ninguém podia ser membro se a sua postura moral não fosse excelente, todos os candidatos permaneciam sob supervisão durante um ano ou dois e assassinos e adúlteros eram expulsos. Os mandamentos promulgados por esta ordem eram essencialmente os mesmos que os dez do Mosaico, de modo a que exerceu uma influência moral distinta, somado ao seu objecto visível que era a instrução nos segredos da medicina legítima.

Nesta sociedade os usos de todas as raízes e ervas curativas conhecidos por nós foram ensinados exaustivamente e praticados principalmente pelos idosos, encontrando-se os jovens em treino para substituir os lugares dos que faleceram. A minha avó era uma conhecida e bem sucedida praticante, e quer a minha

mãe quer o meu pai eram membros, embora não practicassem. Um banquete medicinal, ou "mistério", não era um assunto público, uma vez que apenas os membros eram elegíveis, e nestas ocasiões todos os "sacos medicinais" e totens dos vários pavilhões eram exibidos e as suas "canções medicinais" singulares eram cantadas. A comida era partilhada apenas entre os convidados, mas não pelos anfitriões, ou pelo pavilhão organizador do banquete. A "Grande Dança Medicinal" era realizada na altura em que se iniciavam os candidatos que tinham terminado o período experimental, alguns dos quais eram designados para assumir o lugar dos que tinha morrido desde a última reunião. Os convites eram enviados sob a forma de pequenos feixes de tabaco. Dois *tipis* muito grandes eram colocados frente a frente, a 30 metros um do outro, semi-abertos e ligados por um corredor sem tecto, ou por uma fileira de colunas de ramos frescos. Um destes pavilhões era para a sociedade que apresentava a dança e para os noviços, o outro era ocupado pelos "soldados", cujo dever era distribuir os alimentos, e manter a ordem entre os espectadores. Eram seleccionados de entre os melhores e mais corajosos guerreiros da tribo. Estando as preparações completas, e os membros de cada pavilhão vestidos e

pintados de acordo com os seus rituais, entravam no pavilhão separados, em fila única, liderados pelo mais homem velho, ou Grande Chefe. Perante o "Pavilhão dos Soldados" e encarando o Sol que se punha, o chefe dirigia-se ao Grande Mistério directamente com algumas palavras, após as quais todos estendiam o seu braço direito horizontalmente com a palma aberta, e cantavam uma pequena invocação em uníssono, terminando com um grave "E-ho-ho-ho!" Esta exibição, que era realmente impressionante, era repetida em frente ao pavilhão principal, encarando o Sol nascente, e após a qual cada membro tomava o seu lugar marcado, e as canções e danças prosseguiam de modo normal.

A cerimónia de encerramento, que tinha um carácter intensamente dramático, era a iniciação dos noviços, que tinham recebido os preparativos finais na noite anterior. Eram agora conduzidos até à frente do pavilhão principal e ajoelhados num tapete de finos tecidos e peles, os homens do lado direito, nus e pintados de negro e com uma mancha vermelha sob o coração, enquanto que as mulheres, com os seus melhores atavios, eram colocadas à esquerda. Ambos os sexos usavam o cabelo solto, como se estivessem de

luto ou na expectativa da morte. Um igual número de grandes curandeiros, cada um dos quais atribuído a um dos noviços, encontrava-se à sua frente à distância de meio pavilhão, a cerca de 15 metros. Após uma oração silenciosa, cada curandeiro dirigia-se àquele de quem estava encarregado, exortando-o a respeitar todas as regras da ordem sob o olhar do Misterioso, e instruindo-o no seu dever para com o seu similar e perante o Regente da Vida. Todos eles assumiam então uma atitude de poder soberbo e de dignidade, agachando-se ligeiramente como se quase a disparar numa corrida, e agarrando os seus sacos medicinais firmemente em ambas as mãos. Balançando os braços para a frente ao mesmo tempo, articulavam o seu gutural "Yo-ho-ho-ho!" em perfeito uníssono, e com um efeito surpreendente. No meio do silêncio profundo, davam um passo em frente, e outro e mais um, ficando à distância de uma vara das suas vítimas ajoelhadas, balançando então poderosamente os seus sacos medicinais, que aparentariam projectar todo o seu poder místico para dentro dos corpos dos iniciados. Instantaneamente caíam para a frente, aparentemente sem vida.

Com este clímax excitante, os tambores ressoavam vigorosamente e a dança começava novamente com energia. Após darem algumas vol-tas em redor dos corpos prostrados dos novos membros, cobrindo-os com finos mantos e outras roupas que mais tarde seriam distribuídas como presentes, era-lhes permitido voltar à vida e juntar-se à dança fi-nal. Toda a cerimónia simbolizava claramente a morte e a ressurreição. Embora não possa supor que este ritual elaborado, com o seu uso de orações audíveis e acessíveis a todos, exortação pública ou sermão, e outras características caucasianas, tenha sido realizado antes de tempos relativamente modernos, não há dúvida que os seus membros acreditavam conscientemente nele, e foi durante algum tempo visto com reverência pelo povo. Mas num período mais tardio, perverteu-se ainda mais e caiu sob suspeita de feitiçaria.

Sem dúvida que o índio tinha a Medicina numa consideração próxima das coisas espirituais, mas também nisto foi muito mal compreendido; de facto, tudo o que ele detém como sagrado é chamado indiscriminadamente de "mézinhas", no sentido de mistério ou magia. Como médico ele era muito dextro e bem sucedido na maioria das vezes. Usava apenas cascas

curativas, raízes e folhas com cujas características estava familiarizado, usando-as sob a forma de destilação, ou chá e sempre isoladamente. O estômago ou o banho interno foram uma descoberta sua valiosa, e o vapor ou banho turco usava-se de modo geral. Ele conseguia curar um osso partido com relativo sucesso, mas nunca fazia nenhum tipo de cirurgia. Somado a tudo isto, o curandeiro possuía muito magnetismo pessoal e autoridade, e no seu tratamento buscava com frequência reestabelecer o equilíbrio do paciente através de terapia mental ou influências espirituais - um tipo primitivo de psicoterapia.

A palavra sioux para arte curativa é *wah-pee-yah*, que significa literalmente reajustar ou refazer. *Pay-jee-hoo-tah* literalmente raiz, significa remédio, e *wakan* significa espírito ou mistério. Assim estas três ideias, embora por vezes associadas, eram cuidadosamente distinguidas. É importante lembrar que nos tempos antigos os "curandeiros" não recebiam pagamento pelos seus serviços, que eram da natureza de uma função ou cargo honrado. Quando a ideia de pagamento e comércio foi introduzida entre nós, e presentes valiosos ou honorários começaram a ser solicitados para tratar os doentes, a ganância e ri-

validade que se seguiram levaram a muitas práticas degradantes, e a seu tempo ao aparecimento do moderno "esconjurador" que é normalmente uma fraude e um trapaceiro da pior espécie. Ainda bem que o seu tempo já quase se findou.

Procurando sempre estabelecer camaradagem espiritual com a criação animal, o índio adoptou este ou aquele animal como totem, o dispositivo emblemático da sua sociedade, família ou clã. Era provável que a criatura escolhida fosse a ancestral tradicional, uma vez que nos é contado que o Primeiro Homem teve muitas esposas entre o povo animal. A besta sagrada, ave ou réptil representado pela sua pele empalhada ou por uma tosca pintura assegura a protecção dos espíritos. Os atributos simbólicos do castor, urso ou tartaruga, tais como a sabedoria, engenho, coragem e afins, deveriam ser misteriosamente conferidos a quem usasse o emblema. O totem ou talismã usado em medicina era normalmente aquele usado pelo pavilhão ao qual o practicante pertencia, apesar de haver alguns grandes homens que exibiam uma revelação especial. Existiam dois costumes cerimoniais que, pelo que pude apurar, eram universais entre os índios americanos e aparentemente fundamentais.

Estes já foram referidos como *eneepee*, ou banho de vapor, e *chan-du-hu-pah-yu-za-pee*, ou cerimónia do cachimbo. Nas nossas lendas e tradições sioux estes são os dois mais proeminentes, e que remontam até aos tempos mais antigos e persistem até aos últimos.

No nosso mito da Criação, ou história do Primeiro Homem, o banho de vapor foi a magia pela qual "Aquele Que Foi Criado Primeiro" deu vida aos ossos mortos do seu irmão mais novo, que fora morto por monstros das profundezas. Na costa da Grande Água ele escavou dois buracos redondos, sob os quais construiu um pequeno cercado de cedros fragrantes e aqui reuniu os ossos do seu irmão. No outro fosso fez uma fogueira e aqueceu quatro pedras redondas, que rolou uma a uma para dentro do pavilhão dos ramos. Tendo fechado todas as aberturas menos uma, entoou um cântico místico enquanto mergulhava o seu braço e aspergia água sob as pedras com um ramo de salva. Imediatamente se levantou vapor, e como conta a lenda, "surgiu uma aparência de vida". Uma segunda vez ele aspergiu água, e os ossos secos chocalharam. À terceira pareceu-lhe ouvir um voz suave cantar dentro do pavilhão; à quarta vez, a voz exclama: "Irmão, deixa-me sair!" (deve notar-se que o

número quatro é mágico e sagrado para os índios).

Esta história dá-nos a origem tradicional do *eneepee*, que desde então é tido em conta como essencial para o esforço do índio em purificar e recriar o seu espírito. É usado quer pelo médico como pelo paciente. Cada homem deve entrar no banho de purificação e tomar o banho frio que o sucede quando se prepara para qualquer crise espiritual, possibilidade de morte ou perigo eminente. Não apenas o *eneepee* em si, mas tudo o que é usado em relação ao misterioso evento, o cedro aromático, a salva, e especialmente as pedras desgastadas pela água, é considerado sagrado, ou pelo menos adaptado ao uso espiritual. Para a pedra temos um nome de especial reverência - *Tunkan*, uma contracção da palavra sioux para Avô. A pedra natural entra em muitas das nossas cerimónias solenes, tais como a "Dança da Chuva" ou o "Festim das Virgens". O caçador solitário ergue em reverência a *Tunkan* o seu cachimbo cheio numa comemoração solitária de um milagre que para ele é tão autêntico e sagrado como a ressurreição de Lázaro para o devoto cristão.

Existe uma lenda que conta que o Primeiro Homem adoeceu, e aprendeu com o seu Irmão Ancestral o uso

cerimonial do cachimbo, numa oração aos espíritos para obtenção de alívio. Esta simples cerimónia era a expressão diária mais comum de agradecimento, ou de dar graças, bem como um voto de lealdade e boa fé quando o guerreiro está prestes a encetar uma demanda perigosa, e permeia até o *hambe-day*, ou oração solitária, ascendendo como vapor ou incenso para o Pai dos Espíritos. Em todas as cerimónias bélicas e na medicina usava-se um cachimbo especial, mas no lar ou na caçada o guerreiro usa o seu próprio cachimbo. A erva é pulverizada e misturada com a casca aromática do salgueiro vermelho, e pressionada gentilmente na taça do grande cachimbo de pedra. O adorador acende-o gravemente e dá uma baforada ou duas; depois, mantendo-se erguido, ergue-o em silêncio para o Sol, o nosso pai, e em direcção à Terra, a nossa mãe. Existem variações modernas, como segurar o cachimbo aos Quatro Ventos, ao Fogo, à Água, à Rocha e a outros elementos ou objectos de reverência.

Existem muitos festivais religiosos que são de carácter local e especial, incorporando uma oração para o sucesso na guerra ou caçada, para chuva ou colheitas abundantes, mas estes dois são os sacramentos da

nossa religião. Para o baptismo usamos o *eneepee*, a purificação pelo vapor, e na nossa comunhão sagrada partilhamos o calmante incenso do tabaco ao invés de pão e vinho.

Capítulo 4

Barbarismo e o Código Moral

Silêncio a Pedra Basilar do Carácter, Ideias Básicas de Moralidade. "Dar Tudo ou Nada!". Regras de Guerra Honrada. Um Conceito Índio de Coragem.

Muito antes de ter ouvido falar de Cristo, ou de ter visto o homem branco, eu tinha aprendido a essência da moralidade com uma mulher sem escolaridade. Com a ajuda da Natureza em si, ela ensinou-me coisas simples mas de grande importância. Conheci Deus. Compreendi o que era a bondade. Eu vi e amei o que era realmente belo. A Civilização não me ensinou nada melhor! Quando era criança compreendia como dar; esqueci-me dessa graça desde que me tornei civilizado. Eu vivi a vida natural, enquanto agora vivo a vida artificial. Qualquer pedra bonita tinha valor para mim; cada árvore que crescia era objecto de reverência. Agora reverencio com o homem branco uma paisagem pintada cujo valor é estimado em dólares! Assim o índio é reconstruído, como as rochas são trituradas em pó, e tornadas blocos artificiais com os quais se podem construir as paredes da sociedade moderna.

O primeiro americano privava com o seu orgulho de modo particularmente humilde. A arrogância espiritual era desconhecida à sua natureza e ensinamentos. Nunca afirmou que o poder da linguagem articulada era uma prova de superioridade sobre a criação ignorante; pelo contrário, é para si um presente peri-

goso. Ele acredita profundamente no silêncio - sinal de equilíbrio perfeito. O silêncio é o aprumo ou equilíbrio absoluto do corpo, mente e espírito. O homem que preserva sempre a sua presença com tranquilidade e sem as tempestades da existência - como se de uma folha se tratasse, emocionada numa árvore; nem uma onda à superfície da sua lagoa brilhante - essa, na perspectiva do sábio não educado, é a atitude e conduta de vida ideal. Se lhe perguntarem: "Porquê o silêncio?", ele responderá: "É o Grande Mistério!" - "O sagrado silêncio é a Sua voz!" Se lhe perguntarem: "Quais os frutos do silêncio?", ele dirá: "São o autocontrolo, verdadeira coragem e resistência, paciência, dignidade e reverência. O silêncio é a pedra basilar do carácter." "Guarda a tua língua na boca durante a juventude", disse o velho chefe Wabashaw, "e com a idade poderás amadurecer um pensamento que tenha utilidade para o teu povo!"

No momento em que o homem concebeu a ideia de um corpo perfeito, flexível, simétrico, gracioso e duradouro - nesse momento, lançou as fundações da vida moral! Nenhum homem pode esperar manter tal templo do espírito para além do período da sua adolescência, a não ser que seja capaz de vergar o seu

abandono aos prazeres dos sentidos. Sobre esta verdade o índio edificou um sistema de treino físico rígido, um código social e moral que era a lei da sua vida. Foi-lhe incutido enquanto criança um ideal de beleza e força viris cuja obtenção depende da estrita observância da moderação face à alimentação e às relações sexuais, em conjunto com exercício rigoroso e persistente. Ele desejava ser um elo de valor nas gerações, e um que não destruísse pela sua fraqueza o vigor e pureza do sangue que tinham sido atingidos por uma extensa linhagem de antepassados, à custa de muita abnegação.

Era-lhe solicitado que jejuasse por períodos curtos de tempos a tempos, e que exaurisse a sua energia supérflua através da corrida, natação e dos banhos de vapor. A fadiga corporal assim induzida, em particular quando em conjunto com uma dieta reduzida, é uma cura fiável para desejos sexuais indevidos. A modéstia pessoal bem como a auto-estima eram cultivadas desde muito cedo, bem como o orgulho pela família e pela raça. Isto era conseguido em parte mantendo sempre a criança debaixo do olhar público desde o seu nascimento. A sua entrada no mundo era anunciada pelo arauto, e acompanhada da distribui-

ção de presentes entre os idosos e os necessitados. O mesmo ocorria quando este dava o seu primeiro passo, quando as suas orelhas eram perfuradas, quando matava a sua primeira peça de caça, de modo a que as suas conquistas na infância fossem conhecidas por todo o clã como por uma família maior, e assim ele chegava à idade adulta com um sentido de reputação a manter.

Os jovens eram encorajados a alistar-se cedo no serviço público e a desenvolver uma ambição total pelas honras do líder e do organizador de festins, que nunca seriam suas a não ser que fossem verdadeiros e generosos, bem como valentes, e sempre cientes da sua castidade e honra pessoais. Existiam muitos costumes cerimoniais que tinham uma influência moral distinta; a mulher era colocada em rígida reclusão em determinadas alturas, e o jovem marido estava proibido de se aproximar da sua esposa quando se preparava para uma guerra ou evento religioso. A posição pública do índio está completamente dependente da sua própria virtude, e nunca lhe é permitido esquecer que não vive para si próprio, mas para a sua tribo e clã. Assim, hábitos de absoluto auto-controlo foram estabelecidos desde cedo, e não existiam situações es-

tranhas ou tentações complexas para o assediar até este ter conhecido e ter sido expulso por uma raça mais forte.

Para manter os rapazes e as raparigas fieis à sua honra, eram realizadas entre nós, no meu tempo, determinadas cerimónias anuais de natureza semi-religiosa. Uma das mais impressionantes era o sagrado "Festim das Virgens", que quando realizado pela primeira vez, era equivalente a um anúncio público de que a jovem rapariga tinha chegado a uma idade em que se podia casar. O arauto, realizando rondas na aldeia de *tipis*, publicaria o festim em termos similares a este: "Bela Mulher-Doninha, filha de Urso Valente, irá acender o seu primeiro fogo das solteiras amanhã! Todas as que nunca se renderam aos pedidos dos homens, que não destruíram a vossa inocência, somente vocês estão convidadas, para aclamar de novo o Sol e a Terra, a castidade e a pureza da vossa juventude. Venham todas, as que não conheceram homem!" Toda a aldeia ficava entusiasmada com o evento que se avizinhava, que era considerado juntamente com a "Dança do Sol" e a "Grande Dança Medicinal", de importância pública.

Tomava sempre lugar no Solstício de Verão, quando muitos clãs diferentes se encontravam juntos para as festividades de Verão, e era realizado no centro do grande acampamento circular. Aí encontravam-se descritos dois círculos, um dentro do outro, por cima de uma pedra com a forma aproximada de um coração que tinha sido pintado com tinta vermelha, e de cada lado da pedra estavam espetadas no chão uma faca e duas flechas. O círculo interno era para as jovens, e o exterior para as suas avós e acompanhantes, que era suposto terem passado o climatérico. Nos arredores do festim havia um grande ajuntamento público, cuja ordem era mantida por determinados guerreiros de elevada reputação. Qualquer homem de entre os espectadores podia aproximar-se e desafiar uma jovem mulher que ele soubesse não ser merecedora; mas se o acusador não conseguisse provar a sua afirmação, os guerreiros estariam preparados para puni-lo severamente.

Cada rapariga, à vez, aproximava-se da pedra sagrada e colocava a sua mão em cima dela com toda a solenidade. Isto era a declaração religiosa da sua virgindade, o seu voto para permanecer pura até ao casamento. Se ela alguma vez quebrar o voto das jo-

vens, receberá aquela faca afiada e as flechas aguçadas! As nossas jovens tinham a ambição de comparecer numa série de festins destes antes do casamento, e por vezes sucedia que uma rapariga se via na obrigação de denunciar outra, baseada em boatos sobre a sua conduta. Depois realizava-se um desafio entre as instigadoras do escândalo para que provassem as suas afirmações! Um festim idêntico era por vezes realizado entre os homens, para quem as regras eram ainda mais severas, uma vez que nenhum jovem poderia sequer ter falado sobre amor com uma rapariga, para comparecer neste festim. Era considerada uma grande honra entre nós ter obtido alguma distinção em batalha ou na caça, mas acima de tudo ser convidado para um lugar no conselho, antes de alguma vez ter falado com uma rapariga que não fosse a sua irmã.

Era a nossa crença que o amor pelas posses é uma fraqueza que devia ser superada. O seu apelo é à parte material, e se lhe for permitido acabará por perturbar o equilíbrio espiritual do homem. Assim, a criança tem de aprender cedo a beleza da generosidade. Ela é ensinada a dar o que mais preza, e a saborear a alegria de dar, e é tornada a doadora de oferendas da

família numa idade tenra. Se a criança tiver propensão para a avareza ou para agarrar-se às suas parcas posses, lendas são-lhe relatadas, contando- lhe do desdém e desgraça que se abatem sobre o homem avarento ou mau. As oferendas públicas são parte de qualquer cerimónia importante. Fazem parte da celebração do nascimento, casamento e morte, e observam-se sempre que se deseja honrar alguém ou algum evento. Nessas ocasiões é normal dar-se ao ponto de pobreza extrema. O índio na sua simplicidade dá tudo o que tem, literalmente, a parentes, a convidados de outra tribo, mas acima de tudo aos pobres e aos idosos, dos quais não espera nada em troca. Finalmente, a oferenda ao Grande Mistério, a oferenda religiosa, que pode ser de pouco valor em si, mas que no pensamento do ofertante deve carregar o sentido e recompensa do verdadeiro sacrifício.

Os órfãos e os idosos eram invariavelmente cuidados, não só pelos seus parentes, mas por todo o clã. É o orgulho do pai amoroso ver as suas filhas visitar os menos afortunados e os indefesos, levar-lhes comida, pentear-lhes os cabelos e reparar as suas vestes. O nome Wenonah dado à filha mais velha, implica isto claramente, e uma rapariga que falhe nos seus deveres

de caridade era tida como não merecendo o nome.

O homem que é um caçador dotado, e cuja esposa está atenta às suas oportunidades, realiza muitos festins, para os quais tem o cuidado de convidar os idosos do seu clã, reconhecendo que eles sobreviveram ao seu período de maior actividade, e que agora não amam nada mais do que comer em boa companhia e reviver o seu passado. Os idosos tentam recompensar a sua prodigalidade com um pequeno discurso, no qual relatam os feitos de bravura e generosidade dos antepassados do anfitrião, finalmente congratulando-o por ser um sucessor merecedor de uma linhagem honrada. Assim é ganha a sua reputação como caçador e organizador de festins, e é quase tão famoso no seu modo quanto o grande guerreiro aquele o que tem a reputação de "homem de paz."

O verdadeiro índio não coloca valor na sua propriedade nem no seu trabalho. A sua generosidade é apenas limitada pela sua força e perícia. Ele encara como uma honra ser seleccionado para uma tarefa difícil ou perigosa, e seria uma vergonha pedir uma recompensa, dizendo ao invés disso: "Deixo que quem eu sirvo expresse o seu agradecimento de acordo com

a sua educação e sentido de honra!" No entanto, ele reconhece direitos de propriedade. Roubar a um membro da sua tribo seria certamente uma desgraça, e, se descoberto, o nome de *Wamanon*, ou Ladrão, ser-lhe-à afixado para sempre como um estigma inalterável. A única excepção à regra é comida, que é sempre gratuita para os famintos se não houver ninguém por perto para lha oferecer. Outra protecção para além da lei moral não podia existir numa comunidade índia, na qual não existiam nem cadeados nem portas e tudo estava aberto e acessível de todos os cantos.

A propriedade do inimigo é espólio de guerra e é sempre permitido confiscá-la se possível. No entanto, nos tempos antigos não existiam assim tantas pilhagens. Antes da chegada do homem branco, na verdade existia muito pouca tentação ou interesse em despojar o inimigo; mas nos tempos modernos o costume de roubar cavalos de tribos hostis tornou-se comum, e não se vê como desonroso.

A guerra é considerada como uma instituição do Grande Mistério - um torneio ou desafio de coragem e perícia, com regras elaboradas e contagens para a cobiçada honra de pena de águia. Julgava-se desen-

volver a qualidade da virilidade e o seu motivo era cavalheiresco ou patriótico, mas nunca pelo desejo de alargar o território ou depor uma nação irmã. Era comum, nos tempos antigos, que uma batalha ou escaramuça durassem todo o dia, com grande exibição de audácia e perícia a cavalo, mas raramente havia mais mortos ou feridos do que os que se podem carregar para fora do campo depois de um jogo de futebol universitário. De quem matava um homem no campo de batalha era esperado que fizesse luto durante 30 dias, escurecendo a sua cara e soltando o cabelo de acordo com a tradição. Ele não considerava pecado tirar a vida a um inimigo, e este luto cerimonial era um sinal de reverência pelo espírito do defunto. A matança de não-combatentes em guerra, como mulheres e crianças, é parcialmente explicada pelo facto de que na vida selvagem, a mulher que não tinha um marido ou protector era um caso de piedade, e suponha-se que o espírito do guerreiro ficaria mais satisfeito se não fossem deixadas viúvas e órfãos para trás para sofrer, bem como para chorar.

Originalmente um escalpe podia apenas ser removido pelo líder do grupo e nessa altura mais nenhuma mutilação era praticada. Era uma pequena madeixa

de não mais de 7,5cm, que era usada apenas durante os 30 dias de celebração da vitória, e em seguida era-lhe dado um enterro religioso. As crueldades devassas e os hábitos mais bárbaros na guerra foram fortemente intensificados com a chegada do homem branco que trouxe consigo álcool ardente e armas mortais, que despertaram as piores paixões dos índios, provocando neles a vingança e a cupidez, e até tendo chegado a oferecer recompensas pelos escalpes de homens, mulheres e crianças inocentes.

O homicídio dentro da tribo era uma ofensa grave que deveria ser expiada como o conselho deliberasse, e muitas vezes sucedia que o homicida era chamado a pagar a pena com a sua própria vida. Ele não fazia nenhuma tentativa de fugir ou evadir-se da justiça. Que o crime tivesse sido cometido nas profundezas da floresta ou na noite cerrada, testemunhado por nenhum olho humano, nada disso fazia diferença na sua cabeça. Ele estava profundamente convencido que tudo era conhecido pelo Grande Mistério, e como tal não hesitava em entregar-se, para enfrentar o seu julgamento perante os idosos e sábios do clã da vítima. A sua família e clã não poderiam tentar desculpá-lo ou defendê-lo, mas os seus juízes levavam em con-

sideração todas as circunstâncias conhecidas para a sua defesa, e se lhes parecesse que ele tinha morto em legítima defesa, ou que a provocação tinha sido grave, ele poderia ser libertado após um período de 30 dias de luto em reclusão.

De outro modo, a família da vítima era autorizada a tirar-lhe a vida; se eles não o fizessem, como muitas vezes sucedia, ele era banido do clã. O homicídio voluntário era uma ocorrência rara antes dos dias do whisky e das filas de bêbedos, pois não éramos um povo violento ou dado a disputas. É bem lembrado que Cão Corvo, que matou o chefe sioux Cauda Sarapintada em 1881, se rendeu calmamente, tendo sido julgado e condenado pelos tribunais no Dakota do Sul. Após a sua condenação, foram-lhe permitidas liberdades que talvez nenhum homem branco tenha conhecido estando sob uma sentença de morte. A causa do seu acto foi uma comissão solene recebida do seu povo, quase 30 anos antes, na altura que o chefe Cauda Sarapintada usurpou a chefia com a ajuda dos militares, que ele favoreceu. Cão Corvo tinha feito o voto de assassinar o chefe, se ele alguma vez traísse o nome dos Sioux Brulé. Não existem dúvidas que ele cometeu crimes públicos e privados, tendo sido

culpado de mau uso do cargo bem como de graves ofensas à moral; assim sendo a sua morte não era uma questão de vingança mas apenas de retribuição. Alguns dias antes de Cão Corvo ser executado, ele pediu permissão para visitar o seu lar e despedir-se da sua esposa e filhos gémeos, na altura com nove ou dez anos de idade. Estranhamente, o pedido foi aceite, e o homem condenado foi enviado a casa sob escolta de um ajudante do xerife que permaneceu na agência, dizendo apenas ao índio para se apresentar ali no dia seguinte. Quando ele não compareceu à hora marcada, o xerife enviou a polícia índia atrás dele. Não o encontraram, e a esposa dele simplesmente respondeu que ele desejava cavalgar sozinho até à prisão, e que chegaria lá no dia marcado. Todas as dúvidas desapareceram no dia seguinte com um telegrama de Rapid City, a trezentos e vinte quilómetros dali, dizendo: "Cão Corvo acabou de se apresentar aqui". O incidente chamou a atenção do público para o assassino índio, com o resultado inesperado do caso ter sido reaberto e Cão Corvo libertado. Ainda vive, um homem bem conservado de cerca de setenta e cinco anos, e é muito respeitado pelo seu povo.

Diz-se que, no início, mentir era um crime capital entre nós. Crendo-se que o mentiroso deliberado era capaz de cometer qualquer crime encoberto pela cortina da mentira cobarde e da traição, o destruidor da confiança mútua era sumariamente abatido, para evitar que o mal se propagasse. Mesmo os piores inimigos dos índios, os que os acusam de traição, sede de sangue e luxúria, não negaram a sua coragem, mas nas suas mentes é uma coragem que é ignorante, brutal e fantástica.

A sua própria concepção de bravura apresenta-a como uma virtude moral elevada, pois para ele consiste não tanto em auto-afirmação agressiva mas em absoluto auto-controlo. O verdadeiro homem corajoso, argumentamos nós, não demonstra medo nem raiva, desejo ou agonia; ele é em todos os momentos mestre de si mesmo; a sua coragem escala aos níveis da bravura, do patriotismo e do verdadeiro heroísmo. "Que nem o frio, a fome, ou a dor, ou o medo deles, nem os encrespados dentes do perigo ou mesmo as garras da morte em si, vos impeçam de realizar uma boa acção," disse uma vez um velho chefe a um batedor que ia em busca de búfalos a meio do inverno para mitigar a fome do seu povo. Isto era a sua con-

cepção infantil de coragem.

Capítulo 5

As Escrituras não Escritas

O Livro Vivo. A História da Criação Sioux. A Primeira Batalha. Outra Versão do Dilúvio. A Nossa Ancestralidade Animal.

Certa vez um missionário tomou para si a instrução de um grupo de índios nas verdades da sua sagrada religião. Ele falou-lhes da criação da terra em seis dias, e da queda dos nossos primeiros pais por comerem uma maçã. Os selvagens corteses ouviram atentamente e, depois de agradecerem, um deles relatou uma tradição muito antiga referente à origem do milho. Mas o missionário mostrou o seu desagrado e descrença e, indignado, disse: "O que vos relatei eram verdades sagradas, mas isto que me contam é mera fábula e mentiras!" "Meu irmão," respondeu seriamente o índio ofendido, "parece-nos que não foi bem esclarecido quanto às regras do civismo. Viu que nós, que seguimos essas regras, acreditámos nas suas histórias; porque se recusa então a acreditar nas nossas?"

Todas as religiões possuem o seu Livro Sagrado, e o nosso era uma amálgama de história, poesia, profecia, preceitos e folclore, tal como o leitor moderno encontrará entre as capas da sua Bíblia. Esta nossa Bíblia era toda a nossa literatura, um Livro vivo, plantado como uma semente preciosa pelos nossos sábios mais sensatos, e florescendo sempre de novo nos olhos assombrados e nos inocentes lábios das crianças pe-

quenas. Sob a sua grisalha sabedoria de provérbio e fábula, o seu conhecimento lendário e místico assim preservado e transmitido de pai para filho, foram baseadas grandes porções dos nossos hábitos e filosofia.

Naturalmente magnânimo e de mente aberta, o homem vermelho prefere acreditar que o Espírito de Deus não é apenas soprado para dentro da humanidade, mas que todo o universo criado comunga da perfeição imorredoura do seu Criador. A sua mente poética e criativa, como a dos gregos, atribui a cada montanha, árvore e fonte o seu espírito, ninfa ou divindade, quer benévola ou maligna. Os heróis e semideuses da tradição índia reflectem a tendência do seu pensamento, bem como a sua atribuição de personalidade e vontade aos elementos, ao Sol, à Lua e às estrelas, e toda a natureza viva ou inanimada.

Na história da criação Sioux, O Misterioso não é trazido à cena directamente ou concebido de uma maneira antropomórfica, mas permanece subtilmente no fundo. O Sol e a Terra, representando os princípios masculino e feminino, são os principais elementos da sua criação, sendo os restantes planetas subsidiários. O calor inflamador do Sol entrou no ventre da nossa

mãe, a Terra, e de seguida ela concebeu e revelou vida, tanto vegetal como animal. Finalmente apareceu misteriosamente *Ish-na-e-cha-ge*, o "Primogénito", um ser semelhante a um humano e, no entanto, mais do que um humano, que vagueava solitário entre os animais e compreendia as suas maneiras e língua. Olhavam-no com maravilha e espanto, pois não sabiam fazer nada sem o seu conhecimento. Ele montou a sua tenda no centro da terra, e não existia nenhum lugar que lhe fosse impossível penetrar. Finalmente, como Adão, o "Primogénito" dos sioux cansou-se de viver sozinho, e formou para si próprio um companheiro - não um parceiro, mas um irmão - não de uma costela, mas de uma farpa que removeu do seu dedo grande do pé! Este era o Pequeno Rapaz Homem, que não foi criado completamente crescido, mas como uma criança inocente, confiante e indefeso. O seu Irmão Ancião foi o seu professor ao longo de cada estágio do progresso humano desde a infância até à maturidade, e é de acordo com as regras que ele apresentou, e dos seus conselhos ao Pequeno Rapaz Homem, que nós remontamos as nossas crenças mais arreigadas e os mais sagrados hábitos.

No lugar dianteiro entre os animais estava *Unk-to-mee*, a Aranha, a causadora de problemas primordial, que reparou entusiasticamente no crescimento do rapaz em inteligência e engenho, e prontamente aconselhou os animais a darem-lhe um fim; "pois" disse ela, "se não o fizerem, um dia ele será o mestre de todos nós!" Mas todos eles amavam o Pequeno Rapaz Homem uma vez que ele era tão amistoso e tão divertido. Apenas os monstros nas profundezas do mar escutaram e nesse mesmo momento lhe tiraram a vida, escondendo o seu corpo no fundo do mar. No entanto, por causa dos poderes mágicos do Primogénito, o corpo foi recuperado e trazido à vida no sagrado banho de vapor, como descrito no capítulo anterior.

Novamente o nosso primeiro antepassado vagueou alegremente entre os animais, que eram então uma nação poderosa. Ele aprendeu os seus modos e a sua língua - pois eles tinham uma língua comum nesses tempos; aprendeu a cantar como os pássaros, a nadar como os peixes e a trepar com segurança as rochas como as cabras da montanha. Não obstante dele ser o seu bom camarada e não lhes fazer mal, *Unk-to-mee* novamente semeou a discórdia entre os

animais, e mensagens foram enviadas para todos os cantos da terra, mar, e ar de modo a que todas as tribos se pudessem unir e declarar guerra contra o homem solitário que estava destinado a ser seu mestre. Após algum tempo o jovem homem descobriu a trama, e regressou a casa muito pesaroso. Ele amava os seus amigos animais, e estava magoado por eles conspirarem contra si. Para além disto, ele estava nu e desarmado. Mas o seu Irmão Ancião armou-o com um arco e flechas de sílex, uma maça de pedra e uma lança. Igualmente lançou quatro vezes um seixo no ar, e a cada vez ele se tornou um precipício ou uma parede de rocha sob o *tipi*.

"Agora," disse ele, "é chegada a altura de combater e afirmares a tua supremacia, pois foram eles que te trouxeram problemas e não o contrário!" Dia e noite o Pequeno Rapaz Homem ficou de vigia aos seus inimigos do cima da parede, e finalmente avistou as pradarias negras com manadas de búfalos, e os alces a reunirem-se na periferia da floresta. Ursos e lobos aproximavam-se de todas as direcções, e agora do céu o Trovão dava o seu terrível grito de guerra, respondido pelo longo uivar do lobo. Os texugos e outros escavadores começaram a minar a sua forta-

leza de rocha, enquanto que os escaladores tomaram para si a tarefa de trepar as suas paredes perpendiculares. Então pela primeira vez na terra o arco foi esticado, e centenas de flechas de sílex encontraram o seu alvo nos corpos dos animais, enquanto que a cada vez que o Rapaz Homem balançava a sua maça, os seus inimigos caíam em grandes números. Finalmente os insectos, o pequeno povo do ar, atacaram-no num só corpo, enchendo os seus ouvidos e olhos, atormentando-o com as suas lanças envenenadas de modo a que ele desesperasse. Ele pediu ajuda ao seu Irmão Ancião, que lhe disse que acertasse nas rochas com a sua maça de guerra. Assim que ele o fez, faíscas de fogo voaram sob a erva seca e esta incendiou-se. Um enorme fumo ascendeu, o que afastou os irritantes enxames do povo dos insectos, enquanto que as chamas aterrorizaram e dispersaram os restantes.

Este foi o primeiro trilho que separou os homens dos animais, e quando os animais pediram paz, o tratado dizia que desde então de-veriam fornecer ao homem a sua carne para alimentação e a sua pele para vestuário, não sem esforço e perigo da sua parte, no entanto. Os pequenos insectos recusaram-se a fazer qualquer concessão, e têm sido desde então os ator-

mentadores do homem; no entanto os pássaros do ar declararam que iriam continuar a puni-lo pela sua obstinação, e continuaram a fazê-lo até este dia.

O nosso povo sempre afirmou que as flechas de pedra que são encontradas usualmente pelo nosso país são as que o primeiro homem utilizou na sua batalha com os animais. Não está registado nas nossas tradições, e muito menos na memória dos nossos idosos, que alguma vez tenhamos feito ou utilizado flechas idênticas. Alguns tentaram usá-las para caçar peixe debaixo de água, mas sem grande sucesso, e não têm utilidade nenhuma com o arco índio que se encontrava em uso quando a América foi descoberta. É possível que tenham sido feitas por alguma raça préhistórica que usava arcos maiores e mais fortes, e que trabalhava a pedra, coisa que o nosso povo não fazia. Os utensílios de pedra eram meramente seixos ou lascas de sílex, com pegas de couro ou madeira, exceptuando os cachimbos, que eram talhados de uma espécie de pedra que é macia quando escavada, e que pode assim ser facilmente trabalhado com as ferramentas mais primitivas. Praticamente todas as pontas de flecha que vemos em museus e noutros locais foram apanhadas ou lavradas, enquanto que outras

foram desonestamente vendidas por traficantes índios e outras ainda cravadas em árvores e ossos.

Não tínhamos nem diabo nem inferno na nossa religião até o homem branco os ter trazido até nós, no entanto, *Unk-to-mee*, a Aranha, era sem dúvida próxima da velha Serpente que tentou a nossa mãe Eva. Ela é sempre caracterizada como manhosa, traiçoeira e ao mesmo tempo afável e encantadora, dotada com inteligência, profecia e eloquência. Ela é uma maga apta, capaz de assumir quase qualquer forma quando quer, e é impenetrável à ridicularização e aos insultos. Aqui temos, parece, os elementos da história do Génesis; o Éden primordial, o tentador sob forma animal, e o portador da tristeza e morte sobre a terra graças aos pecados elementais da inveja e dos ciúmes. O aviso transmitido pela história de *Unk-to-mee* era sempre usado com sucesso pelos pais índios, e em especial pelos avós, na sua educação das crianças. *Ish-na-e-cha-ge*, por outro lado, era um semi-deus e um mestre misterioso, cuja função foi a de iniciar o primeiro homem nas suas tarefas e prazeres aqui na Terra.

Após a batalha com os animais, seguiu-se uma batalha com os elementos, que de algum modo tem paralelos com a história do Dilúvio do Antigo Testamento. Neste caso o objectivo parece ter sido a destruição do malvado povo animal, que era demasiado numeroso e forte para o homem solitário. A lenda conta-nos que quando chegou o Outono, o Primogénito aconselhou o seu irmão mais novo para que este construísse uma tenda quente com peles de búfalo, e que armazenasse muita comida. Tinha ele acabado de fazer isto e começou a nevar, e a neve caiu constantemente durante muitas luas. O Pequeno Rapaz Homem fez para si sapatos de neve, e ficou assim apto a caçar com mais facilidade. Por fim lobos, raposas e corvos vieram até à sua porta implorar por comida, e ele ajudou-os, mas muitos dos animais mais ferozes morreram de frio e de fome.

Um dia, quando os famintos apareceram, a neve era mais alta que o topo dos postes dos *tipis*, mas o fogo do Pequeno Rapaz Homem manteve a abertura desimpedida. Eles espreitaram por este buraco e viram que o homem havia esfregado cinzas na cara, a conselho do seu Irmão Ancião, e ambos se encontravam de cada lado da fogueira imóveis e em silêncio.

Então a raposa latiu e o corvo grasnou o seu sinal para as tribos que vagueavam, e todos regozijaram e disseram: "Agora ambos se encontram a morrer ou mortos, e não teremos mais problemas!" Mas o Sol apareceu, e um vento cálido derreteu as encostas de neve, de modo a que toda a terra ficou cheia de água. O jovem homem e o seu Instrutor construíram uma canoa de casca de bétula, que flutuou sob a superfície da enchente, enquanto que dos animais foram salvos apenas alguns que tinham encontrado um pouso nos picos mais elevados.

O jovem tinha agora passado triunfantemente pelas diversas provações da sua virilidade. Um dia, o seu Irmão Ancião falou-lhe e disse: "Tu conquistaste o povo animal e suportaste a força dos elementos. Submeteste a Terra à tua vontade e mesmo assim, encontras-te sozinho! É chegada a altura de ires em busca de uma mulher que possas amar, e com a ajuda da qual consigas reproduzir a tua espécie". "Mas como farei isso?", respondeu o primeiro homem, que era um rapaz inexperiente. "Encontro-me só como dizes, e não sei onde encontrar uma mulher ou companheira!" "Vai em frente e busca-a," respondeu o Grande Instrutor; e logo o jovem se pôs a caminho nas suas

deambulações em busca de uma esposa. Ele não fazia ideia de como fazer amor, e assim a primeira corte foi feita pelas belas e graciosas donzelas da tribo das Aves, dos Castores ou dos Ursos. Existem algumas histórias de amor caprichosas e tocantes que a fértil imaginação dos índios acrescentou a esta antiga lenda.

É dito, por exemplo, que no primeiro acampamento que montou, construíra para si um pavilhão de ramos verdes no meio da floresta, e aí os seus pensamentos foram interrompidos por uma voz na floresta - uma voz que era irresistível e profundamente doce. De algum modo misterioso, a alma do jovem homem foi tocada como nunca houvera sido antes, pois este chamamento de refinada ternura e apelo era a voz da mulher eterna! Uma jovem encantadora encontrava-se envergonhada à porta do seu *wigwam* de pinho. Estava modestamente vestida de cinzento, com um toque de azeviche sob a sua bonita face, e carregava um cesto de cerejas bravas que timidamente ofereceu ao jovem homem. Assim o viajante foi submetido, e o amor libertado no mundo para construir e destruir! Quando ela finalmente o deixou, ele espreitou pela porta mas viu apenas um pintarroxo com a ca-

beça arqueada para um lado, esvoaçando para longe por entre as árvores.

O seu seguinte acampamento foi perto um ribeiro cristalino, onde uma donzela rechonchuda e laboriosa se encontrava atarefada a cortar madeira. Ele apaixonou-se instantaneamente por ela também, e durante algum tempo viveram na sua aconchegante casa, à beira da água. Após o seu filho ter nascido, o viajante desejou muito visitar o seu Irmão Ancião e mostrar-lhes a sua esposa e filho. Mas a mulher castor recusou-se a ir, e por fim ele acabou por ir sozinho numa curta visita. Quando regressou, existia apenas um fio de água junto ao dique destruído, a bela casa encontrava-se abandonada e mulher e filho desaparecidos para sempre!

O marido abandonado sentou-se sozinho na encosta, sem sono e enfraquecido pela angústia, até ser consolado por uma atraente mulher de negro brilhante, que teve compaixão pela sua tormenta e o acalmou com comida e atenção amorosa. Esta era a mulher urso, de quem ele acabou por se separar após algum contratempo.

A história continua e diz que ele teve filhos de cada uma das suas muitas mulheres, alguns dos quais se assemelhavam ao seu pai, e estes tornaram-se os antepassados da raça humana, enquanto que os que evidenciavam as características das suas mães eram devolvidos aos seus clãs. Diz-se também que os que apresentavam uma forma anormal ou monstruosa foram proibidos de se reproduzirem, e todo o amor e acasalamento entre homem e a progenia animal foi, a partir de então, estritamente proibido. Existem algumas tradições curiosas de jovens homens e mulheres que transgrediram esta regra sem conhecimento, tendo sido seduzidos por um veado macho talvez, ou uma fêmea graciosa, e cuja falha foi punida com a morte.

Diz-se que os totens animais tão comuns entre as tribos descendem da bisavó do clã, e a lenda foi muitas vezes citada para demonstrar a nossa amizade íntima com o povo animal. Muitas vezes me questionei porque a doutrina científica da descendência da Humanidade não aumentou, do mesmo modo, o respeito dos homens brancos por estes nossos parentes mais humildes.

Os muitos heróis tardios ou *Hiawathas* que surgem nestes nossos volumosos livros não escritos introduziram cada um uma época na longa história da Humanidade e do seu ambiente. Existe por exemplo o Vingador dos Inocentes, que surgiu de um coágulo de sangue; o Pequeno Rapaz Andrajoso que adquiriu fama e uma esposa após atingir a Águia Vermelha dos maus presságios; e o Rapaz Estrela, que era o rebento de uma donzela mortal e de uma estrela. Foi este último que lutou pela Humanidade contra os seus inimigos mais fortes, como *Wazeeyah*, o Frio ou a Nortada. Ocorreu uma batalha desesperada entre eles, na qual o primeiro tomava a vantagem seguido pelo outro, até ambos estarem exaustos e declararem uma trégua. Enquanto descansava, o Rapaz Estrela continuou a abanar o seu grande leque de penas de águia, e a neve derreteu tão rapidamente que a Nortada foi forçada a acordar um tratado de paz. E assim foi que a marcha ordeira das estações se estabeleceu, e a cada ano o Rapaz Estrela com o seu leque colocam em movimento os ventos mornos que conduzem a Primavera.

Capítulo 6

Na Fronteira dos Espíritos

Morte e Hábitos Fúnebres. A Madeixa de Cabelo Sagrada. Reencarnação e o Diálogo dos Espíritos. Poderes Psíquicos e o Oculto. O Dom da Profecia.

A atitude do índio perante a morte, pano de fundo e teste da vida, é inteiramente consistente com o seu carácter e filosofia. A Morte não lhe reserva horrores; ele encara-a com a sua calma perfeita e simplicidade, buscando apenas um fim honrado como derradeiro presente para a sua família e descendentes. Assim ele corteja a Morte em batalha; por outro lado, ele considera deplorável ser morto numa quezília privada. Se estiver a morrer em casa, é hábito carregar o seu leito para fora de portas de modo a que, à medida que o fim se aproxima, o seu espírito possa viajar sob um céu aberto. A seguir a isto, o assunto que mais o preocupa é despedir-se dos que lhe são queridos, em particular se tem filhos pequenos que de - vem ser abandonados para sofrer. Os seus afectos familiares são fortes, e ele sofre imensamente com a sua perda mesmo tendo uma fé inabalável numa companhia espiritual.

Os sinais exteriores de luto pelos mortos são de longe mais espontâneos e convincentes que o preto correcto e com boas maneiras da civilização. Os homens e mulheres entre nós soltam o cabelo e cortam-no de acordo com o grau de relação ou devoção. Consistente com a ideia de sacrificar toda a beleza pessoal e adornos, aparam igualmente as franjas e adornos das vestes, eventualmente cortam-nas mais curtas, ou cortam mesmo as túnicas ou cobertores em dois. Os homens escurecem as suas faces, e as viúvas ou pais enlutados por vezes arranham os braços e pernas até estarem cobertos de sangue. Entregando-se completamente ao seu pesar, já não se preocupam com as suas possessões terrenas e muitas vezes doam tudo o que têm aos primeiros que vêem, mesmo as suas camas ou lares. Finalmente, o lamento pelos mortos é continuado dia e noite até ao ponto de ficarem afónicos; um som musical, estranho e que perfura o coração, que tem sido comparado ao *keening* dos enlutados célticos.

Os "enterros" dos antigos Índios das Planícies eram sobre andaimes de postes, ou em plataformas entre os ramos de uma árvore - a única maneira de colocar o corpo fora do alcance dos animais selvagens, uma vez

que não possuíam ferramentas com as quais pudessem escavar uma sepultura adequada. Era preparado (o cadáver) vestindo as suas melhores roupas, juntamente com algumas das suas posses pessoais e ornamentos, embrulhado em diversas túnicas e, finalmente, com uma cobertura fixa de couro. Como marca de respeito especial, o corpo de uma mulher jovem ou de um guerreiro era por vezes disposto num *tipi* novo, com os artigos do lar comuns e mesmo com um prato de comida a seu lado, não que supusessem que o espírito pudesse utilizar estes artigos ou comer a comida mas meramente como tributo final. Então todas as pessoas desmontariam o acampamento e partiam para longe, deixando o falecido só numa solidão honrada.

Não existia nenhuma cerimónia fúnebre prescrita, no entanto o corpo era carregado com maior ou menor solenidade por jovens seleccionados, e por vezes guerreiros valorosos eram quem carregava o corpo de um homem distinto. Era habitual escolher-se um monte proeminente com uma vista abrangente para último local de descanso do morto. Se um homem fosse morto em batalha, era um hábito antigo colocar o seu cadáver sentado, encostado a uma árvore ou rocha, encarando o inimigo para indicar o seu desafio

destemido e bravura mesmo na morte.

Lembro-me de um costume nosso tocante, que era concebido para manter próxima e quente a memória do falecido na casa do enlutado. Uma madeixa do falecido amado era embrulhada em tecido bonito, como seria de supor que ele ou ela gostaria de usar se fosse vivo. Este "feixe de espírito", como era chamado, ficava suspenso num tripé, e ocupava determinada posição no pavilhão que era o assento de honra. À hora de cada refeição, era colocado um prato de comida por baixo dele, e uma pessoa do mesmo sexo e idade daquele que partira era convidada para partilhar a comida. Ao final de um ano sob a data da morte, os parentes realizavam um grande festim público e davam roupa e outros presentes, enquanto que a madeixa de cabelo era enterrada com cerimónias adequadas.

Certamente que o índio nunca duvidou da natureza imortal do espírito ou alma do homem, mas não se preocupou em especular sobre o seu estado provável ou condição numa vida futura. A ideia de um "terreno de caça feliz" é moderna e provavelmente emprestada ou inventada pelo homem branco. O índio primitivo ficava satisfeito com a crença de que o es-

pírito que o Grande Mistério expira para dentro do homem regressa ao que o deu, e após isso é libertado do corpo, podendo encontrar-se em todo o lado e impregnando a Natureza, embora se demore perto da campa ou do "feixe de espírito" para consolo dos amigos, e seja capaz de escutar as orações. Tal reverência era dada ao espírito descarnado, pois não era costume sequer referir o nome do morto em voz alta.

É bem conhecido que o índio americano desenvolveu de algum modo um poder oculto, e apesar de nos últimos dias terem havido muitos impostores e, aceitando a vaidade e fraqueza da natureza humana, é legítimo assumir que mesmo nos tempos antigos tenham existido alguns; temos no entanto diversos momentos bem atestados de profecias notáveis e práticas místicas. Um profeta sioux previu a chegada do homem branco uns bons cinquenta anos antes da sua chegada, e até descreveu rigorosamente as suas vestes e armas. Antes do barco a vapor ter sido inventado, outro profeta da nossa raça descreveu que o "Barco de Fogo" iria nadar pelo seu majestoso rio, o Mississipi, e a data desta profecia é atestada pelo termo usado que há muito é obsoleto. Sem dúvida , muitas previsões foram coloridas para se adequar aos novos

tempos, e inquestionáveis falsos profetas, faquires e esconjuradores tornaram-se a peste das nossas tribos durante o período de transição. No entanto, mesmo nesse período existiu aqui e ali um homem do tipo antigo no qual se acreditava implicitamente e de um modo absoluto.

Notáveis entre estes era *Ta-chank-pee Ho-tank-a*, ou A Sua Maça de Guerra Brada Alto, que previu com um ano de antecedência os detalhes de uma grande comitiva de guerra contra os ojibway. Seriam realizadas sete batalhas, todas bem sucedidas excepto a última, na qual os sioux seriam apanhados em desvantagem e sofreriam uma derrota esmagadora. Isto aconteceu literalmente. O nosso povo surpreendeu e massacrou muitos dos ojibway nas suas aldeias, mas foi seguido e argutamente levado para uma emboscada da qual sobreviveram muito poucos. Esta foi apenas uma das suas profecias extraordinárias.

Outro "curandeiro" famoso nasceu no rio Rum há cerca de 150 anos, e viveu mais de um século. Ele nasceu durante uma batalha desesperada com os ojibway, numa altura em que parecia que o grupo de sioux envolvido estava prestes a ser aniquilado. Assim, a avó

da criança exclamou: "Uma vez que todos vamos perecer, deixemo-lo morrer a morte de um guerreiro no campo de batalha!" e colocou o seu berço sob fogo, perto do local onde o seu tio e avós combatiam, uma vez que não tinha pai. Mas, quando um ancião descobriu o recém-nascido ordenou que as mulheres tomassem conta dele, "pois", disse ele, "não sabemos quão preciosa se poderá tornar a força de um só guerreiro para a sua nação um dia!" A criança viveu para se tornar grandiosa entre nós, como fora sugerido pelas circunstâncias supersticiosas do seu nascimento. Com cerca de setenta e cinco anos salvou o seu grupo da destruição às mãos dos seus inimigos ancestrais, dando um aviso súbito, recebido em sonhos, da aproximação de uma grande comitiva guerreira. Os homens enviaram imediatamente batedores e abateram árvores para fazer uma paliçada, mesmo a tempo de encontrar e repelir o ataque previsto. Cinco anos mais tarde, repetiu o seu serviço, e novamente salvou o seu povo de um massacre terrível. Não existia confusão nos números ou presságios, como se verifica com curandeiros menores, mas em todos os incidentes que se relatam dele, a sua interpretação dos sinais, qualquer que fosse, provava ser singularmente correcta.

O pai de Pequeno Corvo, o chefe que liderou o "Massacre do Minnesota" em 1862, era outro profeta de algum valor. Uma das suas profecias características foi feita apenas alguns anos antes da sua morte, quando declarou que, mesmo sendo idoso, iria trilhar novamente o caminho da guerra. No último festim de guerra declarou que três dos seus inimigos seriam mortos, mas denotou alguma preocupação ao prever que iria perder dois dos seus homens. Três ojibway foram de facto mortos como ele houvera dito, mas na batalha o velho profeta da guerra perdeu os seus dois filhos.

Existem muitos indivíduos de confiança, e homens da fé cristã, que avalizam este e outros eventos similares que ocorreram como previstos. Não finjo pretender explicá-los, mas sei que o nosso povo possuía poderes de concentração e abstracção extraordinários, e por vezes imagino que tal proximidade com a natureza conforme a que descrevi mantém o espírito sensibilizado para impressões não sentidas comummente, e em contacto com poderes invisíveis. Alguns de nós pareciam ter uma intuição peculiar para localizar campas, que explicavam dizendo terem recebido uma comunicação do espírito do falecido. A minha avó era um

desses indivíduos, e desde que me recordo, quando acampados em terrenos desconhecidos, o meu irmão e eu procurávamos, e encontrávamos, ossadas humanas no local que ela nos indicava como sendo um antigo cemitério, ou o local onde um guerreiro solitário havia tombado. Claro que os sinais externos do enterro tinham sido obliterados há muito.

Os escoceses teriam certamente declarado que ela possuía "segunda visão", uma vez que ela tinha outras premonições e intuições fenomenais das quais me recordo. Ouvi-a falar de uma sensação peculiar no peito que, como ela dizia, a alertava para algum assunto importante relacionado com as suas crianças ausentes. Outras mulheres nativas afirmaram possuir um monitor semelhante, embora nunca tenho ouvido falar de ninguém que o interpretasse com tanto rigor. Uma vez estávamos acampados no lago Manitoba quando recebemos a notícia de que o meu tio e a sua família tinham sido assassinados, num forte a cerca de 320km. Enquanto o nosso clã se enlutava e chorava a sua perda, a minha avó calmamente pediu-lhes que parassem, afirmando que o seu filho se aproximava e que o veriam em breve. Apesar de não termos nenhum motivo para duvidar das notícias tristes, é um

facto que o meu tio chegou ao campo dois dias após a sua alegada morte. Noutra altura, quando tinha catorze anos, tínhamos acabado de sair de Fort Ellis no Rio Assiniboine, e o meu tio mais novo tinha escolhido um belo local para o nosso acampamento. Já o sol se tinha posto, mas a minha avó estava inexplicavelmente nervosa e recusava-se a montar a tenda. E então, relutantemente, descemos o rio, e acampámos após o anoitecer num local isolado. No dia seguinte soubemos que uma família que vinha atrás de nós parou no local seleccionado pelo meu tio, mas foi surpreendida durante a noite por uma comitiva de guerra e perdeu um homem. Este incidente causou uma grande impressão junto do meu povo.

Muitos índios acreditavam que se podia nascer mais do que uma vez, e existiam alguns que afirmavam ter conhecimento das suas encarnações anteriores. Existiam também aqueles que dialogavam com um "Espírito Gémeo", que tinha nascido noutra tribo ou raça. Existia um profeta de guerra sioux muito conhecido que viveu no meio do século passado que ainda é recordado pelos anciãos da sua tribo. Após ter atingido a meia-idade, declarou que tinha um espírito gémeo entre os ojibway, os inimigos ancestrais dos sioux.

Até nomeou o grupo ao qual o seu irmão pertencia, e disse que também ele era um grande profeta de guerra entre o seu povo. Uma tarde, numa das caçadas levadas a cabo na fronteira entre as duas tribos, o líder sioux chamou os seus guerreiros e, solenemente, declarou-lhes que estavam prestes a encontrar um grupo de caçadores ojibway liderados pelo seu espírito gémeo. Uma vez que era a primeira vez que se encontravam, e tinham nascido desconhecidos um do outro, ele suplicou humildemente que os seus homens resistissem à tentação de pelejar com os seus inimigos tribais. "Reconhecê-lo-ão imediatamente", disse-lhes o profeta, "pois não só ele se parecerá comigo em cara e forma, mas exibirá o mesmo totem, e até entoará as minhas canções de guerra!"

Enviaram batedores, que em breve regressaram com notícias de uma comitiva que se aproximava. Então os homens que lideravam dirigiram-se ao campo dos ojibway com o cachimbo da paz, e quando estavam próximos acenderam uma fogueira e sinalizaram com três sinais de fumo, um sinal do seu desejo de uma reunião pacífica. A resposta veio sobre a mesma forma, e entraram no campo, com o cachimbo da paz nas mãos do profeta. Então, o profeta desconhecido

avançou para os receber, e as pessoas ficaram muito surpreendidas com as semelhanças entre os dois homens, que se encontraram e se abraçaram com um fervor pouco comum. Foi rapidamente acordado entre os dois grupos que deveriam acampar juntos durante alguns dias, e uma noite, os sioux realizaram um "Festim dos Guerreiros" para o qual convidaram muitos ojibway. O profeta solicitou ao seu irmão gémeo que cantasse uma das suas canções sagradas e vejam bem, era a mesma canção que ele próprio costumava cantar! Isto demonstrou sem sombra de dúvida, e sem margem para críticas as afirmações do seu vidente.